

UMA MEMÓRIA PARA TODA VIDA

Miro Teixeira

2020

O professor Miro, Algemiro Teixeira é um incansável buscador de seus sonhos, acampa mil vezes nas florestas de suas lembranças e imaginações. Caminha e faz caminhar com ele pelas aventuras desta vida e nos faz parecer sempre tão iguais na saudade e na vontade de que coisas boas não terminem. O livro é parte dele, da vida partilhada com todos.

C.A.Publicações

© 2020, Miro Teixeira
algemiroteixeira@hotmail.com

Título: Uma memória para toda a vida
Edição do Autor - Algemiro Teixeira da Silva Filho
Composição/Editoração: prof. John Carth
Cigana – Assessoria em Publicações
Capa: John Carth

1ªEdição do Autor: julho, 2020

Brasília-DF

UMA MEMÓRIA PARA TODA VIDA

Miro Teixeira

Brasília/Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Teixeira, Algemiro

Uma memória para toda vida / Algemiro Teixeira. --
1. ed. -- Brasília: independente, 2020.

ISBN 978-65-00-07164-1

1. Algemiro Teixeira 2. Ficção autobiográfica
brasileira 3. Memórias I. Título.

20-41489

CDD-B869.93

UMA MEMÓRIA PARA TODA VIDA

Miro Teixeira

1ª Edição do Autor

©2020, Algemiro Teixeira da Silva Filho
Direitos Reservados, lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998
algemiroteixeira@hotmail.com

Brasília/Brasil

2020

AGRADECIMENTOS

Qualquer agradecimento precisa ser feito primeiramente a Deus por ter me dado forças durante mais de trinta anos tentando escrever e não desistir.

Escrever é um ato extremamente solitário. Quase sempre precisamos estar só para fazer nosso trabalho, o que consequentemente nos isola do restante da família. Isso só não aconteceu com minha filha Ana Livia porque o computador fica no seu quarto e eu não a deixava em paz. Desculpe-me minha filha. Fico te devendo essa. Muito obrigado pela sua compreensão.

Agradecer pela compreensão também da minha esposa Leila, porque quando ela queria conversar comigo e minha mente estava totalmente tomada pela história eu não a dava a devida atenção, e me entristeço ao lembrar.

Agradecer ao Eduardo, meu filho, que por sentir minha ausência, ia onde eu estava para qualquer assunto, não me deixando só.

Agradecer ao Leonardo, meu filho por ser um filho carinhoso e toda vez que ia para o trabalho passava onde eu estava para se despedir.

Um carinhoso abraço a todos
Amo vocês!

Miro

Apresentação

Cada um que passa em nossa vida, passa sozinho, pois cada pessoa é única e nenhuma substituí a outra. Cada um que passa em nossa vida, passa sozinho, mas quando parte, nunca vai só nem nos deixa sós. Leva um pouco de nós, deixa um pouco de si mesmo. Há os que levam muito, mas há os que não levam nada.

Kalil Gibram

Uma memória para toda vida, incólume das influências conturbadas da década de 60, surgiu realmente a partir das ideias de alguns jovens em viver um empreendimento ousado que os fizessem sentir que estavam alcançando de fato outros patamares de interesse e audaciosas perspectivas na vida.

Mesmo sendo uma obra de ficção, ela foi ambientada no local e sonhado para um momento onde o espaço e o tempo nos impelia a sonhar viver uma aventura; o que não foi possível devido a ocasião, empecilhos das dificuldades que nos impossibilitaram levá-la adiante.

Os personagens, apesar de serem elementos de uma obra de ficção, em grande parte existiram realmente e partilharam desses sentimentos inquietantes da juventude.

Na narrativa alguns nomes foram alterados, sendo elementos da imaginação do autor, e tendo como foco narrativo a memória saudosa do tempo de criança e adolescência vividos há mais de cinquenta anos atrás.

Apesar do autor ter conhecido a região onde a obra foi ambientada, e talvez por isso ele sinta tanto carinho por ela, ele esteve na circunvizinhança em circunstâncias distintas, pois

auxiliava seu pai no labor diário pelas fazendas, derrubando morros e plainando terras na formação de pastos e para agricultura.

A fazenda, a história esotérica, o vilarejo, o personagem religioso e o povo local, são elementos puramente da imaginação do autor.

O Autor

Miro Teixeira

Uma memória para toda a vida

UMA MEMÓRIA PARA TODA VIDA

O valor das coisas não está no tempo em que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.

Fernando Pessoa

Certa noite, meus amigos e eu estávamos como de costume reunidos no portão da minha casa conversando e viajando em nossos sonhos e planos. Havia também na nossa turma um amigo mais velho que apelidamos de Valter Labaredas, e vou explicar por quê.

Ele, quando bem mais jovem, por não poder brincar conosco, meninos conhecidos como meninos de rua por jogarmos futebol descalços com uma bola feita de meias no meio de uma rua toda esburacada e, ele, aproveitando-se quando não havia ninguém por perto, saía de casa sorrateiramente e ateava fogo no mato das proximidades de nossas casas, empestecendo as roupas que secavam nos varais.

Nossas mães desesperadas, sabendo quem eram as biscoas que tinham em casa, queriam nos esganar achando ter sido nós os responsáveis pelo mal feito. Ele, oculto pelo anonimato, deixava que levássemos a culpa e que recebêssemos o injusto castigo que era normalmente uma surra com uma vara verde ou vara de goiabeira.

Certo dia, nós o pegamos no flagra e o denunciemos para nossas mães, que foram de imediato falar com sua família, contando o que ele costumava fazer. Foi aí que as coisas ficaram ruins para o lado dele.

Nós então, por vingança, o apelidamos de Valter labaredas, e embora ele não gostasse do justo codinome que recebera, nunca mais se livrou dele.

A família do Labaredas tinha uma posição a zelar por serem pessoas abastadas e muito bem sucedidas no comércio de joias, por serem proprietários de diversas lojas por toda cidade, tendo, portanto, muito dinheiro, destoando dos moradores da nossa rua. Ele, por ser filho único, cresceu tendo tantas regalias, com as quais não poderíamos nem sonhar.

O tempo passou, e apesar de ele ser bem mais velho que nós, não sei por qual cargas d'água, resolveu aproximar-se e tornar-se nosso amigo; e nós, sem ter guardado nenhum rancor, o fizemos bem-vindo.

Os anos se passaram e ele foi para o exército servir em um batalhão de paraquedistas, e lá seguiu carreira, sendo promovido a cabo, envergando uma linda farda e uma boina vermelha de fazer inveja.

Mas nós estávamos em outra. O assunto que mais mexia com nossas cabeças naquele momento era como poderíamos ter a oportunidade de viver uma aventura que marcasse nossas vidas. Tínhamos crescido e queríamos ir além. Queríamos dar um basta nas vezeiras peladas no campinho, as brincadeiras de finais de tarde, cansados que estávamos das coisas de criança, queríamos definitivamente dar um basta em tudo aquilo.

Labaredas, após tornar-se nosso amigo, sempre que podia, descia a rua e vinha ao meu portão ouvir nosso papo aparentemente sem futuro, que arrastávamos, com nossas opiniões contrapostas ou contraditórias; e naquele dia, apesar dele ter chegado no meio da conversa, pouco a pouco foi se inteirando do assunto e a conversa circulava em torno de como sairíamos em uma aventura para acampar em qualquer parte das inúmeras áreas de mata do nosso estado, só com nossas mochilas e uma barraca, e lá ficássemos

alguns dias, sem ninguém da família; por nossa própria conta. Há nos arredores do Rio de Janeiro lugares de florestas maravilhosos e qualquer um deles serviria para nós. Lugares esses, que embora fôssemos moradores da cidade desde o nascimento, conhecíamos apenas de ouvir falar.

O Valter Labaredas, apesar de ter sido apresentado como alguém mal visto no início desta história, com o passar do tempo mostrou-se um bom rapaz e de muito boa índole; e seus malfeitos não passaram de peraltices de criança, e desde já vou parar de tratá-lo como Labaredas, para não colocar em risco uma amizade por causa de um tolo apelido.

Ninguém entendia o motivo dele ter ido para o exército, levando-se em conta as condições financeiras da sua família, que pelo poder aquisitivo que tinham, poderiam morar onde quisessem.

Era comum o pessoal do nosso bairro servir à pátria quando as circunstâncias não eram favoráveis, e ao fazer isso, buscavam traçar uma trajetória rumo a novos horizontes, e assim superar as dificuldades financeiras, ou de emprego ou de outra ordem qualquer, na tentativa de prosperar na vida.

O Valter, com o passar dos anos, no seu desenvolvimento, tornou-se um rapaz vistoso, e costumava dar-se muito bem com as garotas, principalmente as ‘cocotinhas’; quero dizer, aquelas meninas bonitas que não olham para os rapazes comuns quando passam, pois ali não estão aqueles que elas gostariam de ver, contudo, apesar do seu sucesso com elas, ele era sempre muito gentil conosco, não nos esnobando por isso, e tentava nos incentivar a sempre lutar para que não nos sentíssemos inferiorizados diante delas.

O Valter, ao ouvir nossos anseios e por estar de férias no quartel, veio até nós e disse:

- Se vocês estiverem a fim, levo todos para acampar na serra!

Eu disse incrédulo:

- Leva mesmo?

- Você não está gozando com a nossa cara?

Sem dar ouvidos ao que eu dissera, ele continuou a falar empolgado:

- E tem mais, ainda trago do quartel o que vocês vão precisar para acampar!

Claro que uma oferta dessa nós aceitamos de imediato.

Antes de continuar com a narrativa, vou trazer alguns fatos curiosos, mas que penso serem necessários para a compreensão de como era a vida em uma periferia da Baixada Fluminense na década de sessenta.

Na nossa turma, na escola e no bairro, era comum nos colocarem apelido; e no meu caso, menos mal, ele nasceu quando criança, pelo nome do meu pai ser Algemiro, e por termos o mesmo nome, então passaram a me chamar de Mirim; o que a princípio não foi ruim. Poderia ter sido bem pior se buscassem defeitos em mim que motivassem essa criação como: narigudo, por eu ter um nariz avantajado, entre muitos outros possíveis e inimagináveis nas mentes criativas dos nossos desafetos; mas mesmo assim, tive os meus percalços. Por ser meu nome incomum, acabei sofrendo bastante com as brincadeiras de colégio, em que eles costumavam me chamar das mais diversas formas nada elegantes.

Entre muitos outros, destaco como uma pessoa das mais inconvenientes, um colega de classe chamado Tião que, na verdade seu nome era Sebastião; e ele costumava criar apelidos diferentes por achar engraçado o meu nome incomum.

No final de cada manhã, ao término das aulas, saíamos da escola; e ao retornarmos de trem para Vila Rosali, pois era mais barato que voltar de ônibus, com a composição em movimento, ele não se sentava nos lugares vagos; somente para ficar me rodeando, caminhando de um lado ao outro, fazendo caretas, e dizendo meu nome em tom e voz jocosos me apontando para que qualquer outro risse de mim.

Eu não dizia nada por medo dele, por ser ele mais velho, mais forte e o garoto mais folgado de todos os folgados que conheci no colégio Belford Roxo onde estudávamos.

Ao desembarcarmos, eu buscava andar mais rápido que ele na tentativa de me distanciar, e assim livrar-me do seu assédio, mas ele não me dava folga. Ele apertava também o passo para me alcançar, e ao fazê-lo, gritava meu nome procurando me irritar a um limite extremo dizendo:

- Algema!

– Gimiro!

– Gimiriiinho!

Ele repetia vezes e vezes todos os dias, o que acabou sendo o motivo de eu querer sair da escola. Meus pais nunca souberam do episódio de eu ter superado sozinho o meu primeiro desafio na vida. Sobrevivi, apesar do Tião feioso, e sem nem mesmo ter lançado mão do providencial recurso que acompanhou minha infância de chamar meus tios para dar um cacete em quem quer que fosse que estivesse me incomodando para me deixar em paz.

Esclarecimentos e desabafo feitos, voltemos à história principal.

Quando o Valter gentilmente se ofereceu para nos levar à serra, por já ter estado lá com seu batalhão, vi que o acampamento poderia ser uma boa ocasião para eu comemorar meu aniversário junto com meus amigos;

afinal de contas eu estava fazendo dezessete anos e já merecia ensaiar os primeiros passos da minha liberdade.

O Valter trouxe algumas barracas de lona do seu quartel: eram meias lonas que juntas formavam uma barraca. Ele conseguiu esse material emprestado com o subtenente da sua companhia, que somente as cedeu, porque o Valter trabalhava com ele no controle de materiais; e o subtenente, ao tomar conhecimento do propósito do pedido, exaltou a iniciativa, oferecendo-lhe ainda alguns estojos de primeiros socorros e kits de sobrevivência na selva, por serem provisões antigas, e necessitarem ser consumidas logo, visto que tinham datas de vencimento próximas.

Antes de sairmos para o campo o Valter, devido ao nosso despreparo, para evitar transtornos, elaborou uma lista dos materiais pessoais que precisaríamos levar, e no final da tarde do dia anterior à nossa partida, ele nos reuniu para nos dar as últimas instruções.

Na manhã seguinte acordamos às quatro e meia da manhã para pegar um ônibus que nos levaria até a estação ferroviária onde pegaríamos o trem para a serra. O ônibus costumava passar às cinco horas, mas por precaução chegamos quinze minutos adiantados, ele aproveitou que tínhamos tempo, pediu que baixássemos nossas mochilas ao chão e disse:

- Todos vieram porque estavam a fim, então lembrem-se que sou o responsável por vocês, não importa a idade que tenham, e se houver no grupo alguém que queira questionar minha autoridade, é melhor dar meia volta enquanto é tempo; como ninguém disse nada, estava entendido o recado.

Pegamos o ônibus, e ao chegarmos à cidade, foi uma boa caminhada até a estação de trem. Ao embarcarmos, havia caixas de frutas e sacarias no caminho próximos à porta.

Ao entrar na locomotiva, vi um homem sentado em umas caixas de tangerinas, descascando e chupando; e outro fumando cachimbo, soltando sua fumaça mal cheirosa no ar, então a mistura dos dois odores não me caíram bem, provocando ânsia de vômito. Segurei o mais que pude, mas acabei sentindo um nó na garganta e corri para a porta, pus a cabeça para fora da composição, vomitando tudo que tinha no estômago.

Era uma viagem com baldeação e, portanto, muito cansativa. Ao finalmente chegarmos à vila que era a última estação daquele ramal, saltamos e pomos o pé na estrada.

Enquanto caminhávamos, apreciávamos a natureza exuberante do pé da serra de onde tínhamos toda beleza da natureza à nossa frente. Depois de andarmos bastante, o Valter decidiu fazer uma parada para o almoço, e já não era sem tempo.

Nos acomodamos embaixo da ponte na estrada de acesso a uma fábrica de pólvora que o Valter disse pertencer ao exército. Sentados em qualquer lugar, comemos o que tínhamos. Ficamos ali não mais que meia hora, e então ele se levantou gritando:

- Levantem-se rapazes!

-Temos que seguir em frente!

- Não quero chegar ao local do acampamento muito tarde!

Não havia uma estrada por onde andar; piorando bem mais quando chegou à mata fechada, e o Valter ia à frente abrindo uma vereda com um facão. Era uma subida embaixo de árvores de copas fechadas, e com o passar das horas, a escuridão escondia a luz do dia que findava.

O Valter gritava:

- Vamos pessoal!

- Deixem de moleza!

- Nesses passos vamos ter que dormir por aqui mesmo!

- É bom lembrar que na beira de rios há sempre muitos animais selvagens!

Disse ele tentando nos assustar, e conseguiu. Quem não estava com medo, passou a ficar, e mantiveram os olhos bem abertos, andando mais rápido.

Tínhamos que chegar ao lugar onde acamparíamos.

Cansado então falei:

- Valter, vamos parar um instante!

Embora relutante, ele acabou parando; e os rapazes pouco a pouco foram se agrupando, e continuei:

- Estamos muito cansados e com fome.

- Fizemos apenas uma única refeição durante todo dia, e muitos dos garotos trouxeram apenas pão com mortadela, salgados, e biscoitos para comer e isso não sustenta ninguém por muito tempo.

- Sugiro que procuremos um lugar para ficarmos essa noite, e pela manhã bem cedo nos saímos, o que você acha?

- Ele pensou um pouco e disse:

-Tudo bem.

-Vamos procurar uma clareira para montar nossas barracas.

E perguntou:

- Todos concordam com a proposta do Mirim?

Eles, de tão cansados e famintos que estavam, disseram que sim sem contestar.

- Vamos montar as barracas e tomar banho. Disse ele.

- Ah, banho não! Gritamos todos, mas mesmo Relutantes, e sem outra alternativa, montamos nossas barracas, e fomos tomar nosso banho enquanto ainda havia um pouco de luz solar.

Ao retornarmos ele falou:

- Vão todos catar madeiras e gravetos secos e coloquem tudo no meio da clareira!

- Rápido! Falou ele batendo palmas para nos apressar.

- Peguem também pedras na beira do córrego para protegermos a fogueira e assim evitarmos um incêndio na mata!

Ao retornar ele disse:

- Tragam as palhas e os gravetos para cá!

Todos nós curiosos nos reunimos à sua volta para ver como ele acenderia o fogo sem um isqueiro ou fósforos.

Ele tirou no bolso uma pederneira, juntou os gravetos e uma quantidade de capim seco, colocou-os em cima de um tronco, riscou o metal um no outro e as faíscas pularam na palha acendendo o fogo de primeira.

Reunidos em torno da fogueira, abrimos nossos kits, tirando das sacolas nossa comida, e nele havia um

pequeno fogareiro, sobremesas secas, macarrão com carne moída e batatas, ou macarrão à bolonhesa com ervilhas; e em todos havia também uma lata de feijoada. Claro que deu tudo errado na hora de preparar a comida, mas cada um se virou como pode para abrir as latas e aquecer a comida e no final estavam todos de barrigas cheias.

Pela manhã bem cedo, o Valter passou de barraca em barraca batendo uma faca na panela, acordando todo mundo.

- Alvorada festiva!

- Vamos acordar!

Após o desjejum, arrumamos as mochilas, desmontamos as barracas, e aguardamos o Valter dar o pronto para continuarmos a marcha.

Nosso grupo não era grande, mas somos pessoas bem diferentes em todos os aspectos:

O Cosme é um rapaz negro, alto, cabelos aparados e anda sempre vestido numa beca de fazer gosto. No futebol ele dá espetáculo com a bola nos pés. O Clair é meu vizinho de frente, e na turma o chamamos de Magrão. Não joga bem, mas nas peladas aceita ficar no gol, e isso é ótimo porque ninguém gosta de jogar na defesa ou no gol, e ele não se importa.

O que destaca o Clair de todo o grupo, não é ele em si, mas sua única irmã, a Alda, Aldinha para nós os íntimos; ela é realmente encantadora. Ela é uma menina de cabelos castanhos ondulados que encanta quem a vê. Eu sempre levava para ela revistas de “foto novelas” tais como Sétimo Céu, Capricho, revistas que publicam histórias românticas e atualidades.

Quando eu ia vê-la com a desculpa de entregar-lhe as revistas, ela colocava uma cadeira de vime na calçada, e sentada, folheava suas páginas comigo em pé ao seu lado sentindo o aroma do seu perfume, e admirando sua

beleza. Tudo ia maravilhosamente bem para o meu lado, até que certo dia, seu pai, seu Perciliano, um sisudo sargento da Marinha, chegou, não gostou de ver nossa afeição, e pôs um fim na nossa proximidade.

A trilha por onde caminhamos agora, já não está mais tão fechada e podemos então andar mais rápido.

Guilherminho gritava do final da fila:

- Quando vamos parar para descansar? Ninguém lhe dava a mínima atenção por ele sempre reclamar de tudo.

Guilherminho, como o tratamos, é filho do seu Guilherme, antigo proprietário do armazém que seu Geraldo comprou os direitos e está tocando o negócio.

Ao meu lado caminha o Zuca. Esse é seu apelido, mas seu nome de fato eu não sei; mas Zuca está bom para mim. Ele mora na mesma rua que nós, mas do outro lado da rodovia Presidente Dutra; que ao ser construída, precisou cortar a Avenida Pernambucana ao